





# Rebeldia libertadora

Hoje, renece-se mais do que nunca a precisão de um governo... é preciso de um rei... Dizem isto com a convicção dos servos russos, os quais não concebiam outra existência fora do seu cativo. Porém, nós sabemos que as ideias, até as mais enraizadas, não podem ser verdadeiras eternas. Elas nascem, vivem e desaparecem.

Mais de doze séculos correram desde a dominação dos chefes francos até a de Luiz Capet. Mais de mil anos para sacudir esta ideia de que um povo não pode viver sem soberano. Ainda alguns séculos, e os homens libertam-se, a mais e mais, da tutela de um Deus. Nunc porvir mais ou menos longínquo, os povos rejeitarão, talvez, a ideia de Estado, e substituirão a opressão de uns e a servidão de outros, pela associação dos membros de uma coletividade.

A evolução da Humanidade prossegue através da luta de dois grupos de homens antagonistas que a pisam e a sublevam. Dum lado, os que querem dominar, avassalar os seres, utilizá-los para seus fins próprios; do outro, aqueles que tentam torná-los livres, de ergue-los contra todos os despotismos, venham não importa donde: da vontade de um só ou da de um agrupamento promovido à carga de impingir a coletividade editais ou leis. E' do sopro desses rebeldes que emana a força que derrubou todos os regimes passados e que, amanhã solapará o regime atual em que vivemos, apesar da potência de que ele dispõe na riqueza e na ordem estabelecida, protegidas pelo seu baleario, o exército, e encostadas à sua fiel auxiliar, a religião.

A Rebeldia, essa força libertadora dos homens, que ilumina dum clarão refulgente certas épocas da história, parece, em outras, tão completamente apagada que crê-se-se ter ela desaparecido para todo o sempre, como foi durante a terrível noite medieval.

Então, o seu espírito invisível trilha subterraneamente, abre caminho nos cerebros obscuros e aparece bruscamente, às vezes, lá, onde os homens estão vivendo na mais miserável das escravidões. Dum entorpecimento secular viram-se acordar, em seguida alçar-se temíveis contra seus opressores, e, numa terrível desforra, fazem expiar todo um passado de sofrimentos. Tal foi o aspecto da selvagem rebeldia dos Jacques.

E' na Revolta que fazemos confiança para fazer-se desabar a fortaleza do capitalismo, o qual já encheu à medida de sua cupidez e do seu desprezo pelos seres sacrificados ao desejo de gozo.

Neste mundo, em que todos deveriam ter larga suficiência de tudo, assistimos ao doloroso espectáculo de haver seres humanos sem pão, mal alimentados, enquanto o trigo está sendo dado como cevadura aos animais; aguentar o frio enquanto o carvão se amontoa na calçada das minas, e os tecidos nas fabricas de celagens.

A coletividade é rica até não saber o que fazer das suas riquezas, ao passo que milhões dos seus membros são tão pobres, que não podem alcançar ao mínimo indispensável à sua vida material.

Não havendo quem queira empregar-lhe os braços e o cérebro, nenhum outro meio legal possuem, além do seu trabalho, para adquirir o dinheiro necessário à satisfação das suas necessidades.

Na organização da sociedade atual existem apenas dois modos de obter o dinheiro, sem o qual é impossível nutrir-se, vestir-se, locomover-se, viver, numa palavra; a posseção das coisas ou a venda do seu trabalho. O Dinheiro é a pedra angular do regime capitalista, e o ideal dos seus beneficiados é empilhá-lo cada vez mais. Neste intento, a máquina tendo aparecido, arremecaram-se numa produção intensiva, sem preocupar-se se o consumo seguiria a sua ascensão vertiginosa.

Ora, acha-se que o consumo não é função das necessidades dos homens, mas sim do seu poder aquisitivo. Se as primeiras estão sendo infinitas, o segundo, ao contrario, é muito restrito; e temos chegado ao momento em que o mercado mundial está saturado, em relação às possibilidades de compra que decaem à medida que a produção se intensifica. Esta depende do desenvolvimento do maquinismo, o qual, aumentando, traz uma redução do labor humano, da qual resulta a diminuição da massa dos consumidores, pois, sem o seu emprego que leva-lhes dinheiro, os homens não podem comprar.

Na aspera busca do lucro, os capitalistas desviaram ao seu proveito exclusivo as vantagens da máquina.

Por toda a parte onde puderam, por este docil instrumento, eles substituíram os operários, descuidando-se da sorte dos homens vindo a ser inuteis ao acabamento dos seus desenhos; fiéis, nisso, ao seu costume de rejeitar na pobreza, mesmo na miséria, os que já lhes não podem servir.

Quando foram constringidos a conservar-se, despojaram-nos da sua personalidade de artífices, e atiraram-nos para as tarefas fastidiosas e embrutecedoras da produção em serie, matando neles o seu gosto ao belo e o seu amor ao trabalho.

E' um regime social que deixa homens viver miseravelmente, enquanto apodrecem umas colheitas e outras são queimadas ou devoradas pelos insetos e roedores nos armazens de "stockagem", e outras, ainda, são tornadas impróprias para o consumo ou criminosamente destruídas.

Um tal regime social que, a mais e mais, frustra do seu direito à vida os indivíduos sempre mais numerosos, e que avilta os homens à degradante condição de rodas de máquina, não pôde senão fazer germinar o anelo do seu pronto desaparecimento.

Para abalar e fazer ruir por terra o dominio presente de escravidão e tirania, devemos contar com o espirito de Rebeldia: nascendo nos indivíduos conscientes da sua situação de oprimidos, a rebeldia faz com que eles reivindiquem os seus direitos à existencia, manifestando-se na opposição à potencia que os avassala, e na recusa de curvar-se diante das suas leis e obrar de acordo com os seus propositos.

Em qualquer dos seus aspectos, o espirito de Rebeldia é a exteriorização da alma dos indivíduos aspirando à conquista da Liberdade!

Julette Withoutname

Em Porto Alegre

## Federação Local dos Nucleos Operarios Anti-Políticos

Este organismo federativo lançou no dia 1.º de Maio o seguinte manifesto:

"Aos Trabalhadores

Deante de todas as mistificações que se realizam a 1.º de Maio, a F. L. de Nucleos Operarios Anti-Políticos lança o seu conciente protesto contra as clericais procissões organizadas com o fim de embair a boa fé dos trabalhadores incautos, fazendo-os acreditar que essa data é de festa, quando é de protesto e de revolta contra todas as injustiças sociais.

Em 1886, nos Estados Unidos da America do-Norte, foram enforcados cinco idealistas libertarios pelo unico crime de desejarem reivindicar para os trabalhadores oito horas de trabalho, e por terem a honrabilidade, embora sabendo que iam morrer, de proclamar, bem alto, que a presente organização social está baseada no roubo e no crime, principalmente contra as classes trabalhadoras, contra os pobres.

E', pois, cheios de revolta, que os trabalhadores concientes veem as grosseiras mistificações consumadas pelo clero, com os circulos "operarios" catolicos, pela burguesia e por toda a coorte de politicos, inclusivé mesmo os defensores da tirania da Russia, caçadores de cadeiras de deputados a procurarem esconder o verdadeiro significado do dia 1.º de Maio!

E' o dia que todo o trabalhador conciente abandona o trabalho, em todo o mundo, fazendo cessar, como protesto contra o crime de 1886 e contra todos os crimes da burguesia, a exploração do homem pelo homem, embora por poucas horas.

Não querendo a F. L. dos Nucleos Operarios Anti-Políticos deixar passar desapercibida a data de 1.º de Maio, resolveu realizar, na sede do Sindicato Padeiral, à rua S. Manoel n.º 43, gentilmente cedida, uma reunião para rememorar os martirios de Chicago, às 2 horas da tarde.

Falaram varios trabalhadores, inclusivé a escritora Maura Sena Pereira.

### "CAMPO LIBRE"

Com este título, aparecerá brevemente em Madrid, segundo lemos numa circular que recebemos do grupo editor, um periodico que se especializará em assuntos que se relacionam directamente com os problemas da vida dos trabalhadores do campo, sob o ponto de vista libertario.

Toda a correspondência para essa iniciativa deve ser dirigida para:

CAMPU LIBRE — Apartado 10012 — MADRID, Espanha.



## Solidariedade aos presos sociais da Espanha

A situação angustiosa em que se encontram os nossos camaradas na Espanha faz com que, seguidamente, sejam lançados apelos ao elemento proletario internacional, afim de que o sentimento de solidariedade se manifeste em torno dos presos que, nos carceres de Espanha, expiam o "crime" de se baterem por um regime de fraternidade humana.

Ainda agora, do Comité Pró Presos Regional do Centro, aderente à F. A. I., recebemos uma circular em que se concita à pratica dessa solidariedade, fazendo notar que, devido a clandestinidade e dura repressão porque estão atravessando as organizações

revolucionarias na Espanha, os sindicatos não podem desenvolver-se com normalidade, tendo-se esgotado, por essa razão, os recursos com que o movimento anarquista atenda às necessidades da luta pela libertação dos seres humanos.

Esse Comité lança ao proletariado internacional um novo apelo no sentido de se obterem os recursos indispensáveis às necessidades sentidas pelos presos sociais naquele país cujo passado heroico merece o sacrificio de todos os que almejam uma sociedade de equidade e de justiça.

Qualquer importancia poderá ser enviada por nosso intermedio.

## Federação de Anarquistas Portugueses Exilados

Depois duma larga e involuntaria interrupção das atividades do secretariado da F. A. P. E. (Federação de Anarquistas Portugueses Exilados) em virtude da expulsão do territorio espanhol de todos os camaradas que constituíam o anterior, se notifica a todos os camaradas portugueses exilados e mais organizações que desejem relacionar-se com este organismo, que recém-constituído o respectivo comité, nos anima a ideia de dar seguimento à obra encetada e mantida através da vida deste organismo; o que por isso concitamos todos os camaradas que se relacionavam anteriormente com este secretariado que de novo deverão reatar essas relações e alguns que porventura o não tivessem feito que o façam com a devida urgencia e regularidade, pois as ideias e a nossa organização o requerem.

E' intenção deste secretariado relacionar toda a familia anarquista portuguesa, tanto os que habitam as fortalezas presidarias, como os deportados e refugiados de além-fronteira. Levantar imediatamente a feito uma campanha na imprensa revolucionaria de todos os países em favor dos nossos camaradas presos e deportados. Para isso solicitamos de todos os camaradas o seu concurso.

Ajudando-nos em tudo o que seja viavel e possivel, já pondo-nos em conhecimento de tudo o que em redor da vida destes se desenrola, já abrindo quotas ou subscrições por toda a parte em beneficio dos presos e deportados portugueses.

Pela F. A. P. E.

O Secretariado

Nossa direção: ROGERIO DA SILVA — Apartado 12195 — MADRID.

## Comité de Relações dos Grupos Anarquistas de S. Paulo

Este Comité tem o dever de comunicar a todos os camaradas que contribuíram na obra de solidariedade para com as vítimas da repressão espanhola, que recebeu do Comité Pró Presos (C. N. T.) e da Federação de Grupos Anarquistas (F. A. I.) de la Coruña, recibos da quantia enviada, de Rs. 473998, conforme publicação feita nesta folha libertaria.

O Comité de Relações agradece a todos os companheiros em geral, que souberam dar viva mostra da sua solidariedade, condecorando com o seu gesto de apoio aos presos sociais a trucidada sangüinaria da camariña governamental da Republica Española.

Que o trabalhador conciente orgã, através das fronteiras, o grite dilacerante dos seus irmãos de luta que nas barricadas caem ensanguentados em prol de uma causa justa e humana, qual é a da emancipação de todo o genero humano, pugnando por uma sociedade onde todos sejam livres — a Anarquia.

A todos em geral, saudações fraternas.

O COMITE' DE RELAÇÕES

"COMUNISMO LIBERTARIO" — Por Errico Malatesta

Excelente exposição do ideal anarquista em relação aos problemas sociais e morais que agitam os povos. — 1 vol. 2400.

# Os grandes vultos do anarquismo

III

## BAKOUNINE

Não pensava ficar ali muito tempo porque sabia muito bem não oferecer a Bélgica muita segurança para a sua pessoa; era sua intenção trasladar-se à Inglaterra, unica nação da Europa sobre a qual não exercia influencia o czarismo russo. Porém, antes que terminasse os preparativos para sair da Bélgica, estalou em Paris a revolução de fevereiro de 1848.

Esta noticia inundou novas forças a Bakounine: A revolução que aguardava tanto tempo havia chegado por fim. E o jovem rebelde a saudou como a aurora de uma nova época. Voltou imediatamente a Paris e se entregou de corpo e alma às ondas tempestuosas da revolução. Dormia nos quartéis e comia junto com os soldados; predicava entre eles as suas teorias de destruição geral, o socialismo e a abolição das formas de governo; exortava-os a sustentar a revolução até que fossem destruidos todos os fundamentos da velha sociedade. Bakounine se encontrava em todas as partes: nas barricadas, nos quartéis, nos lugares públicos; em uma palavra, as suas forças se desdobravam. E o grande revolucionario não era apenas o espanto dos reacionarios; até mesmo os republicanos tremavam vendo a poderosa influencia que Bakounine exercia em toda a parte. O official de barricadas Cassidière, republicano de fé, falando de Bakounine: "Que homem! Que homem extraordinario! No primeiro dia da re-

volução é uma verdadeira joia, porém, no dia seguinte, é preciso fuzilá-lo". Flocon, ministro durante a revolução de fevereiro, pronunciou certa vez estas palavras caracteristicas: "Se houvesse em França trezentos homens como Miguel Bakounine, todo governo era impossivel".

Pronto viu Bakounine que a revolução franceza de 1848 não podia oferecer o resultado desejado por ele e seus amigos; compreendeu tambem que não convinha isolá-los, mas que, ao contrario, era preciso aproveitar as circunstancias e preparar revoluções em toda a Europa.

Em abril de 1848 abandonou Paris; o ministro Flocon entregou-lhe 1000 francos e um passaporte francês para que se dirigisse à Alemanha e provocasse ali uma revolução.

Na realidade aquilo era apenas um recurso para se desfazer do temível revolucionario. Bakounine percebia tambem que o seu lugar não era em Paris e desapareceu repentinamente. E' muito provavel que durante algum tempo tenha estado na Russia e nos demais países slavs, com a intenção de ali preparar movimentos revolucionarios. A este respeito, ao menos, diz Arnoldo Ruge, em suas "memorias", que "foi para a Russia afim de ali desenvolver a sua obra de agitação".

Por aquela ocasião mantinha Bakounine estreitas relações com todos os revolucionarios da Europa, especialmente com os dos países slavs.

Em 1.º de julho de 1848 Bakounine assistia ao congresso slavo internacional celebrado em Praga, porque esperava ali encontrar campo propicio para as suas atividades revolucionarias que visavam a internacionalização da revolução.

O congresso slavo se propunha unir todos os povos dessa raça para a defesa comum dos seus interesses contra as demais nações. Parece que a maior parte dos delegados não professavam idéias mui progressistas. As atas desse congresso não foram publicadas nunca, razão porque ignoramos se Bakounine encontrou ali a ocasião que almejava ou não.

Mas o Congresso não transcorreu tão pacificamente como alguns supunham. O governo austriaco, em eleição, temendo as demonstrações revolucionarias dos checos, proibiu toda manifestação pública que tendesse a demonstrar a sua simpatia pelo Congresso.

Esta decisão causou verdadeiro desgosto à população de Praga e todas as ruas se encheram de gente; porém os numerosos soldados que fizeram sua aparição repentinamente, impediram toda e qualquer tentativa seria da multidão.

Em frente ao hotel A Estrela Azul, onde se hospedava Bakounine, se congregou uma enorme multidão de gente. Os soldados trataram de dispersá-la. Ouviram-se varios disparos sobre os soldados através das janelas do hotel.

Era o sinal para uma luta sangrenta entre os militares e o povo.

Este levantou barricadas e Bakounine tomou uma ativa participação nesta luta. Seu valor e sangue frio mereceram a admiração de todos. Diz o escritor checo Iretchek que Bakounine assumiu a direção militar da revolta. Ao terceiro dia de luta, o general Windischgrentz, comandante militar, abandonou a cidade, retirando-se para as fortalezas de Praga.

Fez dali bombardear a cidade, que foi tomada imediatamente presa do fogo.

Depois da repressão do levante de Praga, Bakounine fugiu para a Austria, ocultando-se em Berlim, Kothén e outras cidades alemãs.

Em Kothén publicou Bakounine o seu conhecido "Apelo aos povos slavs" em que os incitava a preparar-se para a revolução geral na Europa. Sentia a proximidade de uma nova revolução e applicava os seus esforços no sentido de unificar todos os elementos revolucionarios em um poder unido contra a reacção. Era uma época tempestuosa, de luta, de agi-

tação, de vida; e Bakounine vivia e lutava mais que todos os demais. Em uma carta ao seu amigo Georg Herwegh expressou bem os sentimentos que então o animavam: "Eu não creio na constituição nem acredito no valor das leis; nem mesmo a melhor constituição poderia satisfazer-me. O que necessitamos agora é outra coisa: necessitamos tempestade e vida, um novo mundo livre e, por conseguinte, livre de leis".

Estas palavras são caracteristicas, porque elas nos pintam o verdadeiro Bakounine, o homem de ação, o rebelde entusiasta, o apostolo da revolução eterna.

Mantinha Bakounine, naquêl período, vinculações secretas com todo mundo revolucionario; e segundo parece trabalhava nessa época por um levante dos checos e polacos.

Em maio de 1849 tornou a encontrar uma ocasião para manifestar publicamente o seu valor e a sua energia inseparáveis. Em diversos pontos da Alemanha haviam estalado revoluções, como a de Baden e Dresden. Bakounine se encontrava então nesta ultima cidade e se preparava para fazer uma viagem à Boemia, quando, de repente, estalou a revolução de maio em Dresden. Como é natural, assistiu da sua projetada viagem e se cobrou nas primeiras filas do movimento.





# A nova sede da Federação Operaria de S. Paulo

PRAÇA DA SÉ, 39 — 2. — SALAS 9 E 10

Forçada a deixar o prédio onde ha três annos vinha realizando as suas reuniões e atos associativos, a Federação Operaria de São Paulo transferiu a sua sede para a Praça da Sé, 39, 2.º andar, onde continuará a sua obra de organização e defesa dos interesses das classes proletárias.

Para o mesmo prédio transferiram suas sedes a Liga Operaria da Construção Civil, o Sindicato de Offícios Varios, a União dos Operarios Metalurgicos, União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas, e o Sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares, que ocupa a sala 12.

Tendo já terminado as suas

instalações na nova sede, a F. O. S. P. faz publico que continuará, como sempre, fiel aos seus principios de organização á margem da politica, seguindo, como até aqui, as normas de ação direta na luta pela emancipação dos trabalhadores.

Recomenda ás organizações aderentes que devem desenvolver as suas atividades no sentido de esclarecer as classes produtoras acerca dos problemas que affectam a sua vida de explorados.

Participa ainda que, dentro em breve, serão iniciadas, em sua sede, gratuitamente, aulas de geografia, portuguez, mathematicas e oratoria, a cargo do academico de Direito, Clovis A. Campos.

## “O MARXISMO - Antes e depois de Marx”

Muito se tem falado e se fala do Manifesto Comunista, de Marx, a quem dito manifesto é attribuido. Entretanto, os estudiosos que quizerem conhecer as origens do marxismo, devem ler esta obra que acaba de ser editada pela Biblioteca Promethea, em que o seu autor, Varian Tchertkoff, demonstra, não só as verdadeiras origens do marxismo, como ainda nos apresenta Karl Marx com uma feição diversa da que lhe dão por si os partidarios da ditadura do proletariado.

Além desse trabalho de valor, constam ainda do mesmo volume dois trabalhos magníficos sobre o assunto:

**MARX E O ANARQUISMO**, de Rodolfo Rocker, e **O SOCIALISMO ANTI-IDEALISTA DE MARX**, de Paul Gilie.

Preço, livro de parte ... 4\$000

### “A DÓR UNIVERSAL”

— Per Sebastião Faure

A leitura desta obra é recomendavel a todos as pessoas que se interessam pela solução da questão social, sob o ponto de vista humano. — 1 vol. 8\$000.

## Nosso balancete

### ENTRADAS

Contribuições na Redação	351\$200
De Japura	108\$000
Do Rio de Janeiro	50\$000
De Araraquara	20\$000
De Poços de Caldas	30\$200
De Campinas	38\$800
Lista pró Salão	21\$000
Varias localidades	18\$700
<b>Total</b>	<b>629\$900</b>

### DESPESAS

Deficit do n.º anterior	74\$600
Confecção e compilação do n.º de hoje	38\$000
Aluguel da Sede até 31/5/35	100\$000
Clichés publicados nos ns. 84, 86 e 87	6\$200
Selos para expedição e correspondência	37\$400
Bloc de papel, goma e barbante	10\$500
2 carretos	8\$000
<b>Total</b>	<b>1.345\$500</b>

### CONFRONTO

Despesas	1.345\$500
Entradas	629\$900
<b>Deficit</b>	<b>715\$600</b>

Nota — Do nosso camarada Pampolini recebemos a importância de varias assinaturas por ele recebidas no interior, que não figuram no balancete de hoje, porque não recebemos a discriminação dos companheiros que contribuíram para a publicação do jornal.

## Munições para “A PLEBE”

### CONTRIBUIÇÕES NA REDAÇÃO

Caetano, 5\$; Bispo ateu, 5\$; Eugenio, 2\$; Pedrinho, de convite, 5\$; Agular, 4\$; Aroca, 3\$; Almeida, 1\$; Alba, 5\$; Tobias Cardoso, 20\$; A. Scalona, 5\$; A. Bodega, 1\$; J. Augusto, 5\$; venda avulsa no dia 1.º de Maio, 4\$200; F. D'onofrio, 5\$; Germinol, 10\$; Cartão do Matias, 41\$; Soler, 5\$; Scudelario, convites, 3\$; José Antonio, de convites, 5\$; Alba & Martins, 20\$; venda avulsa, em conta, 100\$; Santiago, 50\$; Da Legião dos Amigos de “A Plebe”, 56\$. — Total, 351\$200.

**DE JAPURA:** — Alvares, 10\$; Fernandes, 10\$; Gregorio, 10\$; Alberto, 5\$; M. Peres, 10\$; C. Martins, 15\$; J. Marques, 10\$; Cristiano, 10\$; J. Lopes, 5\$; F. Alvares, 10\$, 10 rifas, 10\$. — Total, 105\$000.

**DE ARARAQUARA:** — J. Bernardes, 10\$; Belvedere, 5\$ e Grigoli, 5\$. — Total, 20\$000.

**DO RIO DE JANEIRO:** — Alberto, 10\$; Amilcar, 10\$; A. Fernandes, 30\$. — Total, 50\$000.

**POÇOS DE CALDAS** — Subscrição feita no dia 1.º de Maio: — Vizoto, 5\$; Menechini, 2\$; Sandri, 5\$; Tadeu, 5\$; Peroba, 2\$200; Mineiro e Brenes, 2\$; Virgilio, 1\$; Esqui, 2\$; Togo, assinatura, 5\$. — Total, 30\$200.

**DE CAMPINAS** — Subscrição: Atilio, 5\$; L. Cerri, 1\$; A. Ribeiro, 1\$; Bagnoli, 5\$; Americo, 1\$; J. S. Pinto, 1\$; L. Morelli, 5\$00; Constantino, 2\$; Armando Cerri, 1\$; Virgilio, 1\$500. — Pacoteiros: Atilio, 9\$; Virgilio, 3\$ e J. S. Pinto, 2\$800. — Total, 33\$800.

**LISTA PRO' SALÃO**, revertida em beneficio de “A Plebe”, S. Paulo: Felipe, 2\$; Eugenio, 2\$; Martins, 5\$; Rufino, 1\$; J. Panzolini, 1\$; Merino, 2\$; X., 2\$; J. Navarro, 2\$; Neves, 1\$; Carrillo, 1\$; Marcos, 1\$; A. S., 1\$000. — Total, 21\$000.

**VARIAS LOCALIDADES** — Jaú: Mariano, 3\$700; Olimpia: J. Oliveira, 5\$; Coxambú: Viotti, 10\$. — Total, 18\$700.

### Per “Alba Rossa”

### DICHIARAZIONE

Per dare ad ognuno le responsabilità morali e materiali che gli competono, perché altri non sia chiamato responsabile dell'indirizzo del giornale “Alba Rossa”, avviso che gli ultimi due numeri sono stati stampati sotto la mia esclusiva compilação.

La parte amministrativa ne é stata curata da un compagno, a cui furono consegnate le somme a me pervenute, e che ne dará scárico a suo tempo. La mancata uscita del giornale, lo si deve, appena, a mancanza di mezzi finanziari.

Il compilatore di “Alba Rossa”  
Francesco Cianci

# GUERRA A' GUERRA!

## UMA PARABOLA DE TOLSTOI

A's margens da ribeira do Oka viviam felizes numerosas familias de camponeses; a terra não era prodiga, mas lavrada com vontade produzia o necessario para viverem folgadamente, e ainda para guardarem alguma coisa como reserva.

Ivan Paulovitch, um dos lavradores, esteve uma vez na feira de Vovgard e comprou uma bellissima parrelha de cães policiaes para que lhe guardassem a casa.

Esses animaizinhos se tornaram conhecidos; em pouco tempo, em todos os campos do vale do Oka, por suas continuas correrias, nos quais as ovelhas e os bezerrões não ficavam muito bem servidos.

Nicolau Fofanoff, vizinho de Ivan Paulovitch, fastidiado com as continuas estropeias dos cães, comprou, por sua vez, na primeira feira de Vovgard, outra parrelha de “policiaes” para que lhe defendessem a casa e os gados.

A principio os novos guardiões brigavam com os antigos, mas logo se compreenderam e se tornaram amigos, fazendo juntos, depois, as costumeiras correrias. Os outros vizinhos, que viram aumentar a ameaça para as suas ovelhas, compraram tambem cães, e assim, ao cabo de poucos annos, cada lavrador possuia uma matilha de 15 a 20 cães, todos ótimos “policiaes”.

Apenas caía a noite, os seus latidos atroavam os ares; ao mais leve ruido os cães corriam furiosamente e com estrepito tal, que parecia que um exercito de bandidos fôra assaltar a casa.

Os donos, amedrontados, trancavam bem as portas e diziam entre si: “Deus meu, que seria de nós se não fossem estes valentes “policiaes” que tão abnegadamente defendem a nossa casa.” Os que haviam provocado o tumulto eram outros cães que passavam pelo caminho e farejavam proximo á cozinha; quasi sempre os defensores acabavam fazendo causa commum com os que vagueavam

pelas ruas e seguiam com eles.

Entretanto a miseria havia aumentado na aldeia e seu poderio, as crianças, cobertas de farrapos, empalideciam de frio e de fome, e os homens, por mais que trabalhassem de manhã á noite, não conseguiam arrancar do solo o sustento necessario para suas familias. Um dia se queixavam da sorte perante o cura da aldeia, e como eles tornavam a culpa das suas desventuras ao céu, o cura lhes disse: “A culpa tende-la vós; queixai-vos de que não tendes pão para os vossos filhos, que se definhão, magros e famintos, e sem embargo, vejo que todos sustentais fuzias de cães gordos e luzidos.”

— São os defensores dos nossos lares — exclamavam os lavradores.

— Os defensores? De quem vos defendem eles?

— Senhor, se não fossem os nossos cães, os cães dos vizinhos acabariam com os nossos gados e connosco mesmos.

— Cegos que sois, disse o padre, não compreendeis que os cães defendem cada qual os cães dos demais e que, se ninguém tivesse cães, não necessitaria defensores que comem o pão que deveria alimentar os vossos filhos! Suprimi os vossos inúteis “policiaes”, e a paz e a abundancia voltarão aos vossos lares.

Seguindo o ditame do padre, os lavradores se desfizeram dos seus defensores e um anno depois os seus sobrados e os seus celeiros não bastavam para conter as provisões, e nos rostos dos seus filhos sorria a saúde e a felicidade.

O mesmo que acontecia aos camponeses da ribeira do Oka, acontece a todos os governos: tem exercitos inumeraveis de homens que temem medo e fazem muito ruido quando notam a menor agitação entre os defensores de um país vizinho, e estão consumindo as melhores forças de todas as nações.

Leão Tolstói

# Subsidios para a Historia do movimento anarquista no Brasil

## BREVE NOTICARIO SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA EM PORTO ALEGRE

Em 1895-96 chegaram a esta capital algumas familias anarquistas procedentes da extinta colonia libertaria que, com a denominação de Colonia Cecilia, fundara o dr. Rossi no visinho Estado do Paraná.

Foram esses camaradas que para esta cidade transmitiram os primeiros germes da propaganda anarquista. Homens activos introductores logo no movimento operario local e á immediatamente fizeram sentir a sua ação.

Enfocando-se por essa época um congresso operario nesta capital, os anarquistas, em numero aproximado de vinte, organizaram um grupo e conseguiram tomar parte no congresso, onde se substituíram pelas ideias novas que emitiam ao se discutirem os temas apresentados no referido congresso.

O grupo apresentou ao congresso uma memoria sobre a educação e a libertação, coisa de que até então não se ouvira nunca falar e que, apesar de ignorante, por não encontrar terreno fértil, logo apenas levantou pó no ar.

Depois disso os anarquistas continuaram a propaganda do movimento operario, onde receberam grande sympathia, sendo organizadas muitas simplicas e muito mais entusiastas, das que se notam nos outros centros de atividade operaria.

Esses camaradas, fazendo alguns prosélitos nacionais, fundaram um Grupo de Estudos Sociais, com o fim de desenvolver a propaganda por meio da leitura e da discussão. Esse Grupo, depois da duração aproximada de um anno, desagregou-se completamente no meio de profunda desavença entre os seus componentes.

Dispersos esses elementos, continuaram, entretanto, agindo isoladamente na propaganda, assinando jornais anarquistas e auxiliando pecuniariamente a propaganda em S. Paulo.

Em 1899 organizou-se o Grupo dos Homens Livres com o fim de fazer propaganda escrita. O Grupo, por ocasião do 1.º de Maio, publicou um manifesto sobre que era e o que valia aquela data, contrapondo-se ao programa festivo que algumas sociedades operarias haviam organizado para comemorar a referida data. Esse manifesto causou viva sensação e provocou violentas discussões entre a classe trabalhadora.

O Grupo dos Homens Livres, que se de reduziu o numero de seus componentes, persistiu na insêxia e sempre que tinha oportunidade, publicava manifestos e artigos de propaganda.

Esses grupos, ampliando a sua base de ação, por ocasião de um inicio de greve nesta capital, em 1894, co-

meçou a publicar um quinzenario anarquista denominado “A Luta” que durou até 1910.

Esse periodico exerceu grande influencia no seio da classe operaria e modificou, em muito, a orientação errada que até então tinha o proletariado deste canto do planeta.

Com a publicação desse jornal cresceu o numero dos aderentes, muitos dos quais se tornaram conscientes e ativos anarquistas, ao mesmo tempo que muitos simpatizantes se acercavam do grupo que mantinha e sustentava a “Luta”.

Pouco a pouco os anarquistas tomavam acentuada preponderancia na União Operaria Internacional, de onde fizeram campo de ação para desenvolverem a propaganda.

Pouco antes do surgimento da “Luta”, um grupo de simpatizantes do ideal, fundou a “Escola Elyseu Réclus”, que foi logo empolgada pelos anarquistas militantes que dela se utilizaram para fazer muita e boa propaganda.

Durante o funcionamento dessa Escola, que durou alguns annos, appareceu ali alguns intellectuaes que, pouco tempo depois, se afastaram. Destes, um, o hoje dr. Renaldo Greyer, foi um dos redactores da “Luta” e fez algumas conferencias de propaganda. Outros, o poeta e jornalista Marcelo Gama, além de alguma pro-

paganda feita em jornaes burgueses, escreveu o conhecido drama antimilitarista — “O Avator!”

Por iniciativa dos anarquistas foi aqui fundada a “Liga Anti-militarista”, que teve vida efemera, pois, poucos dias depois de instalada, foi assaltada por alunos da Escola Militar, sendo o material de sua sede completamente destruido no meio de tiros e rifles.

A propaganda anarquista aqui sempre se manteve calma, apesar de, por vezes, se haver travado apaixonadas discussões com os socialistas democraticas.

Os anarquistas nesta capital, desde o inicio de sua propaganda, começaram tambem a propagar o Socialismo no meio operario.

Disseminados por entre a classe operaria, apesar de depois do desaparecimento da “Luta” e da “Escola Elyseu Réclus” não haver mais nenhuma agrupação, os anarquistas tem concorrido, em muito, para afastar o operariado da exploração politica que, no seio da classe, tem sido por diversas vezes tentada sem resultado.

A corrente predominante entre os anarquistas aqui é a comunista e os seus propagandistas julgam de muita attenção a intervenção dos anarquistas no movimento operario não só pela orientação reivindicadora que po-

dem imprimir á organização das classes trabalhadoras, como por possuirem al um vasto campo de ação para desenvolver e tornar conhecido o ideal que ha de colocar o homem livre sobre a terra livre.

Atualmente o numero de anarquistas é relativamente reduzido, apesar de haver sido sob a influencia de anarquistas fundado o “Gremio de Estudos Sociais”, onde se tratou do Congresso Anarquista Internacional de Londres e onde se resolveu apresentar á delegação dos anarquistas do Brasil a presente rapida noticia sobre o movimento anarquista na capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Presentemente não ha aqui nenhuma agrupação anarquista. Temos noticia de, ha pouco, haver sido fundado na cidade de Pelotas, um grupo anarquista denominado — “Economicistas”.

O grupo de anarquistas que ao Congresso de Londres deliberou enviar a presente noticia, como uma expressão de sympathia e solidariedade, junta uma saudação cordial aos companheiros de todo o mundo que, neste momento, se encontram reunidos, irmanadas pela supremo desejo de legarem ás gerações futuras a senda luminosa que conduzirá á conquista da liberdade.

Porto Alegre, 17 de Julho de 1914.

Pelo camaradas

Pauldory Santos

(1) — O Congresso não chegou a realizar-se em virtude da collaboração europeia que acabou a Europa desde 1914 a 1918.



# KRISHNAMURTI

A humanidade vive de ideias. Sem a cultura dos mortos e procura no culto da sua memória a orientação que deve seguir na vida. Descuida a realidade ambiente para entregar-se às inclinações transcendentes. Não está em forma com a "morte" e não que esta e o prolongamento da própria "vida".

Tal que o cérebro humano tem-se as mais extraordinárias faculdades e cultiva toda sorte de abstrações metafísicas. No fundo, todas estas concepções populares são princípios filosóficos que têm sua origem na própria fraqueza mental da humanidade.

É como consequência disso frequente o cérebro humano não sómente imagina estruturas celestiais, mas procura, também, concretizá-las na vida terrestre. Deixando-se formar as lendas em torno das figuras simbólicas de Mahomet, Cristo e Buda, tornando-se fóros de realidade, exercendo poderosamente a sua influência sobre a vida espiritual das colectividades humanas.

Em efeito, o pensamento humano não fica subordinado a esse simbolismo religioso. E por essa mesma razão a humanidade descuida de sua própria existência. Já não se importa de si mesma; tudo fica a cargo do símbolo que adora e ao qual rende culto, muitas vezes materializado na pessoa de um indivíduo.

Ele, diz a mentalidade religiosa, recompensará aos bons punição severamente os maus. Equivale isto a uma sorte de sorte de "castigabilidade" e as idéias convertem o cérebro num vasto depósito de preconceitos e "tabus", cada qual mais bárbaro e restritivo. Resultado a falta de liberdade e sem qual "que se estabelece entre as famílias das diferentes setas religiosas".

A mentalidade humana está limitada num âmbito estreito onde se deambulam os mais comuns sistemas filosóficos. Desta maneira não escapam as orientações que têm no "divino mestre" — expressão a qualquer de "universo" — uma entidade que, quando tem o "fundo", adquire forma humana, percorre a órbita terrestre, pregando os seus ensinamentos. Farta-se o cátedra de terra e a filosofia hindu leva a Krishnamurti.

Os seus adeptos foram nele qualidades pouco "humanas", isto é, um ser "divino" — e logo a consideraram um leitinho necessário, por ordem cronológica, de Mahomet, Cristo, Buda, etc. Mas o indivíduo, que corre mundo e se embrenhou no campo experimental do materialismo filosófico ocidental não teve estômago para digerir a novidade com que seus admiradores o quiseram apresentar.

No Ocidente viu-se perto que o clássico dualismo — matéria e espírito — não passa de uma refinadíssima materialidade e hegelianismo partidário da unidade universal, matéria e espírito é uma única entidade. (\*)

Krishnamurti diz, logo de cara, que nada tem de divino, que fala como simples mortal que é e como tal expõe suas doutrinas à humanidade. Não tem pólar na língua para afirmar que a "Patria", a "Família" e a "Religião" não são mais do que preconceitos arraigados pelo cérebro humano através de milênios e que as consequências desse arraigamento são as mais horríveis consequências, que a individual não subordinada ao grupo familiar, a pátria e a religião, em nada e nada em nada, quando, na realidade, ele é tudo. Assim como a célula e a unidade biológica desse organismo, edificou-se e o homem, o indivíduo e a unidade biológica do organismo social.

Logo, o organismo social é o reflexo do organismo individual sendo assim, porque esse mesmo reflexo pelo indivíduo que se sacrifica em nome de "Deus", da "Patria" e da "Família".

Todas as instituições geram da individual a absoluta ignorância, e tudo, sem ele nada se realiza. Porém, tudo isto e, segundo, até o direito de se esquecer o indivíduo.

A individualidade individual e descolada porque, em seu lugar, se desenvolvem as instituições familiares, religiosas e patrióticas, fundamentadas no isolamento da espécie humana.

O resultado deste conflito humano é a prestação de múltiplas preconceitos, todos tendentes a obstar a ação individual. A instituição histórica da família está baseada no mais crasso autoritarismo e no mais forte exploração. O organismo social tem como pedestal a instituição da família. Desta depende a vida da qual.

É neste edemónio infernal em que vivem as instituições, desde quando se uniu com outras, a humanidade se despedaçou horrivelmente.

O mundo está submetido a vontade de um insignificante número de famílias. Deste grupo depende a vida ou a morte de todo o conglomerado humano. Assim como uma família se abandona despedidamente contra outra, tratando de subjugar a porque assim o vencerem os interesses privados, dentro da própria família existe antagonismo entre seus membros. Este antagonismo chega à raiz do paroxismo. A autoridade paterna torna-se tão estúpida e irreprensível que, não poucas vezes, provoca o parricídio.

Além disso, a instituição da família, com todas as suas normas jurídicas, morais e religiosas, não é mais do que um motivo para cultivar os maiores crimes. No seio familiar a autoridade paterna é considerada sagrada. É aí de quem a desobedecer! A punição mais rigorosa é aplicada ao filho que os seus rebeldia contra a autoridade paterna. Equivale a dizer: si meu pai afirma que a Terra e quadrado eu tenho que dizer sim, embora saiba que ela é redonda, sob pena de incorrer em desobediência. E assim por diante.

Houve um tempo em que a autoridade paterna era a "sua" do lar. A própria mulher era um ser à esquerda. O homem tinha o direito de vida e de morte sobre "sua" esposa. Podia até mata-la. A mulher, primeiro era escrava do pai, depois do marido e em caso de viuvez, era do herdeiro mais próximo do marido. Conta a história que uma mulher perdeu a vida porque tinha matado uma ovelha sem autorização do marido.

Ora, estando a família assentada sobre bases abstratas e contraproducentes, não é de extrair que a sociedade, que tem como fundamento a própria família, se debata numa violenta agonia. O caos é medonho. Salve-se quem puder, e o tema da sociedade. E nessa corrida dantesca todos procuram chegar primeiro, embora seja sacrificando a seu semelhante.

As instituições históricas — "Patria", "Família" e "Religião" foram criadas pelo homem. Na Natureza não há nada disso. Tudo é patrimônio universal e todos os seres têm direito ao seu ganho. A ignorância de uns e a máculas de outros fizeram da superfície terrestre uma porção de famílias, cada qual a mais sanguinária. Em nome delas são sacrificados milhões e milhões de indivíduos. E depois, para que tanto sacrifício? Simplesmente para dar razão a esta enormidade de preconceitos que violentamente vem atormentando a humanidade.

Que a Natureza seja patrimônio de todos os seres, que a família não deve circular estrito e bastarda em que está cobrada — se torna universal, onde os indivíduos sejam respeitadas integralmente, é o desejo ardente de todos os homens que lutam e se sacrificam pela mais ampla liberdade humana.

Martim Garcia

(\*) Este ponto, que é capital na filosofia de Krishnamurti, diz respeito a uma outra oportunidade.

# A PLEBE

S. PAULO, 11 de Maio de 1935

## Nove anos de ditadura em Portugal

Nove anos quasi! Nove anos que representam nove séculos para todo um povo de sete milhões de habitantes, que vem imperando como uma mancha negra dentro da verdadeira civilização, a nefasta e satânica ditadura militar-fascista em Portugal, que, inspirada nas pessoas de Salazar, Carmona e seus sicários, e apoiada nas espadas e baionetas, vem tirando canibalescamente todo um povo probo e laborioso, que clama, anseia e luta por justiça e liberdade, que o mesmo é dizer, pela desparição de tão odiosa e despota ditadura que para vergonha duma civilização que, ora agoniza e presta scumbirá, todavia persiste, a despeito de lutas constantes e duma forte repulsa e aversão do povo português contra tudo que não seja justiça e liberdade.

Sim, os sentimentos altruístas e humanos deste povo livre e rebelde por temperamento, amantíssimo da liberdade como poucos os há, vem sendo sufocados e ofendidos duma maneira sádica e viciosa pelos verdugos ditatoriais que, dominados por uma sentida e profunda perversão moral e humana, persistem teimosamente em manter tão odiosa e vil situação de opróbrio e repressão que em nada difere do que se vem passando na Alemanha, Itália, etc., etc.

## A esterilização dos anormais

Discute-se na Constituinte panista, com grande celeuma, se devem ser ou não esterilizados os anormais. Nada mais interessante do que esse assunto de eugenia para entreter os deputados que para ali foram defender os interesses do povo.

Nós, em princípio, achamos que, realmente, existir a propagação de certas larvas é concorrer para a perfeição da espécie. Si bem que condenamos o direito de se mutilarem os indivíduos, por não os considerarmos responsáveis, pois a larva, na maioria das vezes, é consequência da própria organização social e tem suas causas no regime de injustiças que até ao presente tem regido, impedindo-lhe normas, as coletividades humanas, somos favoráveis à ideia da esterilização dos anormais.

Mas rogamos ao Estado, aos governos, o direito de o fazer, porque seria difícil aplicar essa medida.

Seria difícil por uma razão muito simples. A burguesia vê o mundo através do seu prisma de interesses. Todas as coisas são vistas de acordo com os preconceitos que constituem a base da moral burguesa.

Os maiores tarados encontram-se, precisamente, entre os que gozam de todos os regalias. Os grandes cacemomagos, os grandes tarados sexuais estão nas camadas mais elevadas da escala social da sociedade.

Ora, aqui está o ponto difícil. Quem aplicará a esterilização? Poderá ser aplicada, num ambiente de tarados, com justiça e isenta de preconceitos? Não. Nisto, como em todos os aspectos da questão social, só concebemos uma forma de aperfeiçoar a raça e acabar com os criminosos. Destruir as causas do crime, que se encontram no princípio de autoridade, no princípio de propriedade privada, na exploração do homem pelo homem, na domesticação da mulher, na prostituição, nos conceitos do moral religioso, em tudo quanto serve de base ao regime capitalista.

A fome, a miséria e desesperação, campeiam impunes em milhares de lares proletários, como uma condenação inesorável da sua verdadeira situação de estravos, porém com mais a agravante de terem que sofrer em surdina as chagas e cruzes do seu viver! Oh! Ai de aquêle que usar verberar a situação deprimente em que porventura viva!

Aos gritos e clamores de mais um pouco de pão e bem estar, contestam os famigerados ditadores com espancamentos, prisões e deportações em massa!

Os carcereiros estão repletos de honestos e honrados trabalhadores, cujo unico delicto é o de não calar as vilanias na pessoa dos trabalhadores cometidas, nem permitir com seu silencio que persista imperando a despeito de uma repulsa e descontentamento geral, tão abjeta e facinorosa situação ditatorial. Uma simples desconformidade com as torpezas ditatoriais, é protesto e motivo para anos e anos de prisão.

Os presos são submetidos aos tratamentos mais bárbaros e desumanos que imaginar se pode, quando passam pelos antros da "celebre policia de informacao", — a dizer de imolação — não só para plena satisfação dos seus instintos ferozes e sanguinarios (pois esta policia está composta e seleccionada entre os individuos de mais baixo estofio moral; cuja insensibilidade e crueldade de sentimento os classifica de verdadeiras hienas com apparencia de homens) como tambem para arrancarem confissões de supostos delitos que justifiquem as arbitrariedades e violencias da truculencia fascista.

Os presos, depois de longos periodos de incomunicabilidade e sujeitos aos "habituaes mimoseos policiaes", são levados a tribunais "especiais" (especialis para julgar e condenar sem causa e dar justificação a todas as torpezas e infamias ditatoriais, como um complemento da mesma odiosa tirania) onde, pelo simples motivo de

se rebelarem contra a sua situação de miséria ou de albergarem em seu peito o sacrosanto ideal de redenção humana, são condenados a longos anos de prisão, que os expiam em prisões imundas, sujeitos ainda a mais abjeta e arbitraria disciplina carceraria, menosprezados e insultados constantemente pelos respectivos guardiães nos presídios que a ditadura tem o cuidado de seleccionar entre os mais sádicos e perversos dos seus apunhaquados militaroides.

Os deportados nas inhospitas selvas africanas, além dos multiplos sofrimentos de ordem moral, são ainda objeto de um trato vil e desprezível pelas autoridades ali imperantes.

Impossibilitados de poder trabalhar por não lhes ser permitido sair do "recinto penal", que lhes foi destinado e com um subsídio insufficiente para cobrir as mais perentorias necessidades, a fome, a miséria e a desesperação é a unica divisa do seu viver, sem que ninguém os atenda nas suas mais justas e logicas petições.

São aos milhares os lares, onde mães carinhosas choram e maldizem a ausencia e falta de seus filhos, que em numerosissimos casos eram seu unico amparo.

Extremosas companheiras que choram e clamam a presença dos seus companheiros, esperando anciosas e compungidas o momento feliz de os tornar a ver e abraçar, depois de longos anos duma horrivel e injusta separação!

Filhos que reclamam e necessitam a presença de seus progenitores, que a ditadura arrebatou para longe do seu convívio, roubando-lhes, assim, sua unica "fonte" de carinho e conforto!

Tal é, pois, o "paraíso" que se vive em Portugal, parecendo que nos ultimos tempos tem recrudescido de intensidade as vilanias e torpezas dos ditadores, que vem derruir sua nefasta obra decrepitosamente, o que por tal circunstancia se aproveitam enquanto é tempo, para saciar sua sede de sangue, muito sangue!!

Abril de 1935.

O secretariado da F. A. P. E.

## SEMEANDO IDEIAS...

Clovis A. Campos, estudante de Direito, fez ha dias, no salão da Federação Operaria, a convite da Legião dos Amigos de "A Plebe", uma conferencia em que estudou as diversas fases da escola evolucionista, prendendo a atenção de consideravel numero de pessoas que ali foram ouvir a sua palavra de estudioso das questões que dizem respeito aos problemas da emancipação humana.

Não é a primeira vez que o jovem estudante nos dá o prazer de ouvir em animadas palestras educativas. Desta vez, porém, Clovis Campos interessou vivamente aos seus ouvintes, pois, tendo pedido sugestões ao auditorio, além de interessado na exposição dos seus argumentos científicos, manteve com varios camaradas uma interessante troca de ideias que deram à reunião um sabor de novidade.

A sua palestra teve a virtude de despertar animadas discussões.

A personalidade de Krishnamurti, que o povo de São Paulo conheceu através das suas conferencias, no Teatro Municipal, tem levantado celeumas que justificam perfeitamente a fama de que vem precedido o filósofo hindu, em torno do qual se criou uma gureola de idolatria. Nos meios anarquistas, que se agitam sempre quando no cenário da humanidade se entrecroçam ideias e princípios regeneradores, Krishnamurti tem sido discutido com o calor das convicções e dos sentimentos das lutas ideológicas.

O camarada G. Soler fez, na noite de sábado passado, dia 4, uma longa conferencia sobre o tema — "Krishnamurti e o Anarquismo" — em que, mais uma vez, foi a personalidade do jovem filósofo discutida e as suas concepções analisadas.

Poderia parecer que andamos o camarada Soler ao afirmarmos que se ela se tem revelado como expositor no terreno das doutrinas que professamos, como critico G. Soler e de uma fecundidade pouco vulgar. Nos confrontos que fez entre as doutrinas de Krishnamurti e a filosofia

anarquista de Bakounine, a cujo tema subordinou a sua conferencia, o camarada G. Soler demonstrou o vasto arsenal de conhecimentos que possui.

De tal maneira domina Soler as questões de caracter filosofico, que brinca com as expressões mais ariscadas, sem temor de ser contraditado, absolutamente seguro das suas afirmações.

Conhecemos assim, através da sua palavra eloquente, a verdadeira personalidade de Krishnamurti, pelo menos o aspecto mais logico da sua vida ideal e da sua filosofia.

As ideias de Krishnamurti se identificam plenamente com os principios filosoficos de Bakounine. Foi o que Soler demonstrou, na sua longa exposição de quasi 3 horas, depois de analisar, confrontar e discutir as diversas escolas filosoficas, metafisicas e religiosas.

A sua conferencia despertou muita curiosidade e levou ao salão da rua Quintino Bocaiuva, 80, avultado numero de pessoas que não devem dar por perdido o tempo que estiveram ouvindo esse companheiro com o qual já estamos identificados mas que, pela sua grande cultura e facilidade de palavra, nos proporciona sempre horas de intenso prazer espiritual.

"A QUESTÃO SOCIAL - O Anarquismo em face da Ciência" — de Pedro Kropotkin

Obra de profundo estudo científico, em que o seu autor, apoiado em copiosa documentação, expõe, a luz da ciência, em confronto com os maiores sábios e cientistas, a filosofia anarquista.

É indispensável ao conhecimento das ideias libertarias que visam a transformação social.

1 vol. de 368 paginas, ótimo papel, preço, livre de porte, \$300.

## Festival campestre de "A Lanterna"

Os amigos e colaboradores do jornal anticlerical "A Lanterna" anunciam, para o dia 9 do proximo mês de Junho, um grande festival campestre, a realizar-se no Parque Ibaquara.

Está sendo organizado um interessante programa, que consta de esboçados numerosos literarios, e uma parte esportiva, além de atraivos jogos e corrédas comicas.

Já estão sendo distribuídos os convites para esse ato de confraternização anticlerical.